

Perfil profissional dos egressos do curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Sergipe (UFS)

L. R. C. Santos; I. P. Rocha, G. T. Ribeiro, L. J. Gomes

Departamento de Ciências Florestais, Universidade Federal de Sergipe, 49100-000, São Cristóvão-SE, Brasil

laurabuturi@gmail.com;

(Recebido em 02 de outubro de 2014; aceito em 10 de novembro de 2014)

Esta pesquisa teve como objetivo conhecer o perfil profissional dos egressos do curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Sergipe. Foi aplicado um questionário semiestruturado, enviado por e-mail via ferramenta *Google Docs* aos 135 egressos formados até o ano 2011, obtendo um retorno de 84 questionários devidamente respondidos. A maioria dos entrevistados é do sexo feminino (57,14%) e residem no Estado de Sergipe (67,86%). As principais atividades exercidas pelos egressos atuantes na profissão dentro do setor acadêmico (48,36%) foram: mestrando (27,42%) e doutorando (8,06%). No critério órgão público (25,8%) com o quesito setor público que vem a frente com 20,97%. No critério setor privado - empresa (14,55%), autônomo (9,68%) e atuando junto aos movimentos sociais (1,61%). Constatou-se que a maioria dos egressos entrevistados encontra-se exercendo a carreira, principalmente no seguimento acadêmico.

Palavras-chave: Ensino Superior, Carreira profissional, Instrumento de gestão florestal.

Professional profile of forestry engineers who graduated at Universidade Federal de Sergipe (UFS).

The study aims to find out the professional profile of forestry engineers who graduated from the Federal University of Sergipe. A semi-structured questionnaire has been administered, which was sent through email with *Google Docs* to 135 professionals graduating up to 2011, having 84 of them been properly completed. Most of the respondents (57.14%) are female and live in the State of Sergipe (67.86%). Findings show that the main activities the respondents working in the area carry out at academic level are master degree students (24.42%) and doctoral degree candidates (8.06%). As for the criteria public body (25.8%), it has been found that government sector holds the foremost position (20.97%). When it comes to private sector, companies come first (14.55%), followed by self-employed (9.68%) and social movements (1.61%). The study has concluded that most respondents are in the field, particularly at academic level.

Keywords: higher learning, professional career, forest management tool.

1. INTRODUÇÃO

O Engenheiro Florestal é o profissional que atua na implantação de povoamentos florestais até a obtenção de seus produtos e subprodutos de forma sustentável. Essa habilidade é essencial para a compreensão da funcionalidade e interações dos processos que envolvem o homem e a natureza, favorecendo o desenvolvimento da percepção holística, a partir da relação de uso racional dos recursos ambientais pelo homem [1].

Criado em 2001, o curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Sergipe, encontra-se hoje entre as onze universidades da região nordeste a oferecer o curso [2].

Por outro lado o Estado de Sergipe não possui Política Estadual de Florestas e apresenta situação preocupante em relação à cobertura vegetal remanescente, pois restam apenas cerca de 13% da cobertura vegetal original [3].

Diante deste contexto faz-se necessário refletir sobre o papel do Engenheiro Florestal no Estado de Sergipe e a formação e inserção destes profissionais no mercado de trabalho, pois de acordo o Art. 43º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação [4], uma das finalidades do ensino superior é proporcionar meios que estimulem a investigação das problemáticas tanto nacionais quanto regionais, e, com isto, promover a transmissão de serviços a favor da sociedade.

Nesse sentido, a avaliação investigativa dos egressos através da aplicação de questionários é considerada como um instrumento relevante, apesar de existirem poucos estudos desta natureza [5–6–7]. Adotando-se os egressos como objeto de estudo, pode-se levantar sugestões e questionamentos relevantes em relação à didática dos professores, a infraestrutura e sobre a aplicação prática dos conteúdos oferecidos pelo projeto pedagógico.

Os diplomados por estarem em atividades profissionais são capazes de confrontar habilidades desenvolvidas durante a graduação, com as dificuldades e especificidades na fase profissional [6].

Este trabalho teve como objetivo analisar o perfil dos egressos do curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Sergipe (UFS), por meio de informações referentes às experiências da vida profissional.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Foi elaborado um questionário semiestruturado [8], subdividido em duas partes. A primeira parte buscou relacionar o conhecimento do perfil dos egressos com perguntas de cunho geral (sexo, idade, qualidade da estrutura física, dentre outras). Na segunda parte foram formuladas perguntas mais específicas, que procurou investigar se os profissionais estavam ou não exercendo a profissão, locais e áreas de atuação.

Após a elaboração do questionário num modelo eletrônico, foi enviado por e-mail via ferramenta *Google Docs* aos concludentes dos anos compreendidos entre 2005 a 2011, representando desta maneira o perfil profissional dos formandos dos primeiros seis anos do curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Sergipe.

A lista de concludentes do período estudado foi adquirida junto ao Departamento de Administração Acadêmica da Universidade Federal de Sergipe (DAA-UFS), que forneceu o cadastro contendo nome, endereço e e-mail.

Antes do envio, via e-mail, do questionário a todos os concludentes, realizaram-se pré-testes com uma pequena amostra de 21 dos 135 entrevistados, para possíveis correções de problemas inerentes a compreensão e uso da ferramenta *on line*, que viessem suceder.

Alguns erros foram detectados pelos entrevistados na fase de pré-teste e foram realizados os ajustes necessários, antes do envio para os demais respondentes.

O período do envio e recebimento dos questionários ocorreu entre os meses de novembro de 2011 a abril de 2012.

Do universo que totalizava 135 egressos, houve o retorno de 87 questionários, o que correspondeu a 64,44% do total de concludentes. Destes, observou-se que três questionários foram devolvidos de forma incompleta, o que poderia interferir na análise final do estudo e diante disso foram eliminados, passando a ser analisados 84 questionários preenchidos, representando 62,22% do universo da pesquisa. Os dados foram armazenados sem qualquer possibilidade de identificação dos respondentes, de forma automática, para um banco de dados existente na própria ferramenta *Google docs*, e sistematizados automaticamente, através do programa Microsoft Office Excel 2007. Para a análise das respostas abertas, utilizou-se da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que consiste em um método não matemático que define a opinião de um grupo de pessoas, resultando num apanhado de julgamentos de indivíduos distintos, mas que expressam opiniões de mesmo sentido [9]. Os quadros foram desenvolvidos através da separação das ideias centrais de cada questão em categorias, ajustando-se as distintas respostas a cada uma das divisões.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Perfil dos entrevistados

Constatou-se que 44,58% dos entrevistados têm idade que varia entre 22 a 26 anos o que indica que parte significativa ingressou na universidade logo após completar o ensino médio.

De acordo com a listagem de egressos fornecida pelo DAA, dos 135 egressos, 64 são do sexo masculino e 71 do sexo feminino perfazendo 57,14% e 42,86% da lista total de egressos. Este

resultado leva a refletir sobre a tendência de mudança no padrão comportamental das relações de gênero no âmbito profissional que começa acontecer no Brasil a partir da década de 90, em decorrência do processo de expansão das instituições de ensino superior, e que houve, conseqüentemente, o aumento do número de mulheres nos cursos de engenharia [10].

Ainda hoje a participação feminina em trabalhos descritos masculinos é pequena, mas, apesar disto, é evidente um aumento do número de estudantes do sexo feminino no ensino superior, e com isso uma expansão da mulher na amplitude do mercado de trabalho, inclusive em cursos caracterizadas pelo universo masculino como é o caso das engenharias, apesar da maioria das matrículas femininas nas universidades, ainda pertencerem a áreas como magistério e enfermagem [11].

Quanto ao estado civil dos entrevistados (77,38%) estão solteiros, (16,67%) casados e (5,95%) encontram-se em outra situação de união estável.

Em relação à residência dos egressos, constatou-se que a maioria dos entrevistados encontra-se residindo na região Nordeste (55%), seguido da região Norte (27%) e da região Sudeste (18%) (Tabela 1).

Do total dos entrevistados a maioria reside no Estado de Sergipe (67,86%), 11,91% no Estado de Minas Gerais, 7,14% no Estado da Bahia e 4,76% no Estado de Pernambuco. Já as demais localidades citadas apresentaram índices menores de moradia como os Estados do Acre, Alagoas, Espírito Santo, Maranhão, Piauí, Rondônia e Roraima todos com 1,19%.

Em relação aos municípios que apresentaram um maior número de egressos se destacaram Aracaju (SE) com 64,30%, Lavras (MG) com 7,14%, Salvador (BA) com 4,76% e Recife (PE) com 3,57%. Os municípios de Alagoinhas (BA), Nossa Senhora do Socorro (SE) e Viçosa (MG) representaram 2,38% do percentual de moradia dos egressos. Os municípios com menor índice percentual, Ji-paraná (RO), Rio Branco (AC), Rorainópolis (RR), Açailândia (MA), Canindé do São Francisco (SE), Itabaiana (SE), Laranjeiras (SE), Pesqueira (PE), Piranhas (AL), Teresina (PI) e Vitória (ES), todos com 1,19% (Tabela 1).

Tabela 1: Estados e municípios de residência dos egressos do curso de Engenharia Florestal entrevistados.

Região	%	Estado	%	Município	%
Norte	27	AC	1,19	Ji-paraná	1,19
		RO	1,19	Rio Branco	1,19
		RR	1,19	Rorainópolis	1,19
		AL	1,19	Piranhas	1,19
		BA	7,14	Alagoinhas	2,38
				Salvador	4,76
		MA	1,19	Açailândia	1,19
		PE	4,76	Pesqueira	1,19
				Recife	3,57
				PI	1,19
Nordeste	55			Aracaju	64,30
				Canindé do São Francisco	1,19
		SE	67,86	Itabaiana	1,19
				Laranjeiras	1,19
				Nossa Senhora do Socorro	2,38
		MG	11,91	Lavras	7,14
				Viçosa	2,38
Sudeste	18	ES	1,19	Vitória	1,19
		Total	100	11	100

3.2 Atuação profissional

Quanto a atuação ou não na área florestal, dos 84 entrevistados, 75% encontram-se atuando na área, 22,62% nunca atuou e 2,38% já atuaram, porém, não exercem mais a profissão.

Quando questionados sobre as razões pelas quais os levaram a nunca exercerem a profissão de Engenheiros Florestais 72,22% dos entrevistados, argumentaram que o principal motivo está relacionado à ausência de oportunidade no mercado de trabalho em Sergipe. Os outros pontos destacados foram: a procura por outra área na pós-graduação (11,10%), pelo fato de já exercerem outra profissão na condição de funcionário público (5,56%), a falta de experiência na área (5,56%) e a falta de experiência aliada à falta de oferta de emprego, que segundo alguns egressos do sexo feminino é maior a procura por profissionais do sexo masculino (5,56%).

Aos egressos da UFS que nunca exerceram a profissão de Engenheiro Florestal, foi perguntado qual a atual atividade desenvolvida profissionalmente, 36,85% afirmam estar desempregados; 31,58% são funcionários públicos, 10,53% trabalham no setor administrativo; 5,26% trabalham na área de Engenharia de segurança do trabalho; 5,26% no serviço de atendimento; 5,26% técnico de informática e 5,26% vivem de algum tipo de renda.

Em relação a faixa salarial dos egressos que nunca atuaram a maioria tem remuneração de até 1 salário mínimo (30,77%); 1 a 3 salários mínimos (38,47%); entre 6 e 8 salários mínimos (15,38%); entre 3 e 6 salários mínimos (7,69%) e entre 8 a 10 salários mínimos (7,69%).

Este resultado demonstra que em comparação ao piso salarial do Engenheiro Florestal, equivalente a seis salários mínimos, tomando-se como base uma jornada de trabalho de 6h/dia [12], pode-se afirmar que a maioria dos egressos que nunca exerceram a profissão está ganhando relativamente a metade do que é estabelecido por lei para a profissão de Engenheiro Florestal. Convém ressaltar que dos 19 egressos que nunca atuaram apenas 15 responderam a pergunta.

Os egressos que já exerceram, mas que atualmente não exercem mais a profissão como Engenheiro Florestal (2,38%) justificaram desistência em atuar na profissão devido à falta de oportunidade no mercado de trabalho no Estado de Sergipe (50%) e à falta de afinidade com a profissão (50%).

No Estado de Sergipe, o número de Engenheiros florestais nos principais órgãos federais e estaduais ainda é reduzido (Tabela 2). Por outro lado, de acordo com as estatísticas do Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (CONFEA) [13], entre os anos 2005 e 2011 foram emitidos 4.239 novos registros para profissionais da Engenharia, Arquitetura e Agronomia, dos quais somente 65 eram Engenheiros Florestais, o que indica o interesse dos novos Engenheiros Florestais em atuar na profissão. Este quantitativo representa efetivamente 48,15% dos egressos do curso da UFS, admitindo que os registros foram emitidos somente para estes profissionais.

Tabela 2: Engenheiros Florestais atuando em órgãos públicos Federais e Estaduais.

Órgãos públicos	Profissionais
Administração Estadual do Meio Ambiente (ADEMA-SEMARH)	2
Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF)	1
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA)	1
Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA)	2
Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA)	1
Secretaria de Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (SBF-SEMARH)	3
Total geral	10

Além disso, o Estado de Sergipe não possui Lei que institui uma política pública de florestas própria que reforce o estabelecido pela Política Nacional do Meio Ambiente, ao contrário de outros Estados do Nordeste como Bahia, Pernambuco, Alagoas e Rio Grande do Norte. A falta de políticas que favoreçam o uso racional dos recursos florestais em Sergipe, de acordo com as especificidades locais, prejudica não somente a produção, conservação e a recuperação dos recursos florestais existentes, mas também a valorização e a atuação do profissional da Engenharia Florestal, pois inibi a oportunidade de engajamento no mercado de trabalho local. As principais atividades exercidas pelos egressos atuantes na profissão dentro do critério acadêmico (48,36%) foram: mestrando (27,42%) e doutorando (8,06%). No critério órgão público (25,8%) com o quesito setor público que vem a frente com (20,97%). No critério setor

privado (14,55) o quesito empresa apresentou (14,55%). O critério autônomo obteve (9,68%) e o critério Movimento social (1,61%) (Tabela 3).

Tabela 3: Atual situação profissional dos egressos no Estado de Sergipe que estão exercendo a profissão como Engenheiros Florestais.

Acadêmico	%
Mestrando	27,42
Doutorando	8,06
Doutorando e consultor	1,61
Doutorando, trabalho no INCRA e ministrando aulas em faculdades e cursos	1,61
Mestrando e extensionista rural no âmbito da agricultura familiar	1,61
Mestrando e autônomo	1,61
Mestre	1,61
Pós-graduação	1,61
Pós-graduado	1,61
Professor	1,61
Total acadêmico	48,36
Órgãos públicos	
Setor público	20,97
Analista ambiental	1,61
Analista pericial	1,61
Assistência técnica ambiental em assentamentos de reforma agrária	1,61
Total setor público	25,8
Setor privado	
Empresa	14,55
Autônomo	
Autônomo	9,68
Movimento social	
Movimento social	1,61
Total geral	100

Em relação à inserção de profissionais no setor privado (empresas), constatou-se que dos oito egressos que trabalham em empresas, sete atuam no Estado de Sergipe e apenas um trabalha numa empresa localizada na cidade de Salvador (BA). Este dado pode ser relevante para elucidar a aceitação e a inserção pelo setor privado dos profissionais da Engenharia Florestal, que até pouco tempo não eram reconhecidos, em detrimento, de o curso ser desconhecido no Estado, se comparado a outros cursos da área ambiental, mais antigos.

Quando questionado sobre a atual situação trabalhista os respondentes afirmaram que 26,23% são bolsistas de mestrado, 26,23% são assalariados com carteira assinada, 16,39% são funcionários públicos, 8,20% bolsista de doutorado, 8,20% autônomos, 6,56% assalariado sem carteira assinada, 4,92% funcionário público comissionado e 3,27% contrato temporário.

Sobre a remuneração dos egressos que exercem a profissão 38,71% afirmou receber entre 1 e 3 salários mínimo, 32,26% entre 3 e 6 salários mínimos, 14,52% entre 6 e 8 salários mínimos, 9,68% entre 8 e 10 salários mínimos, 3,23% mais de 10 salários mínimos e 1,60% até 1 salário mínimo.

Porém, quando comparados aos outros egressos que nunca atuaram e que já atuaram e não atuam mais na profissão, alguns dos Engenheiros Florestais que exercem a função estão ganhando em média de 1 a 3 salários mínimos, ou seja, o mesmo valor de um profissional que não deu continuidade à sua carreira no setor florestal e que atualmente desempenha outra atividade. Situação essa que pode estar vinculada ao fato da metade dos profissionais atuantes serem bolsistas de mestrado (26,23%).

A remuneração inferior ao salário mínimo profissional para diplomados em Engenharia [12] pode estar ocorrendo devido à deficiência na fiscalização das atividades profissionais, por parte do CONFEA, ou ainda pela falta de atuação da Associação de Engenheiros Florestais de

Sergipe, entidade que tem por objetivo congregar e representar os Engenheiros Florestais, em suas diversas atividades, e, entre outras, promover a valorização do profissional.

Na pesquisa constatou-se que as principais atividades desenvolvidas nos estudos de pós-graduação ou trabalhos dos egressos que exercem a profissão são: recuperação de áreas degradadas (18,18%); fiscalização ambiental (13,64%); fomento e assistência ambiental em assentamentos de reforma agrária (11,36%); licenciamento ambiental (11,36%); sistemas agroflorestais e agroecologia (9,08%) e conservação dos recursos naturais (solos) (9,08%) (Tabela 4).

Tabela 4: Principais atividades desenvolvidas nos estudos de pós-graduação ou trabalhos exercidos pelos egressos entrevistados.

Atividades desenvolvidas	%
Recuperação de áreas degradadas	18,18
Fiscalização ambiental	13,64
Fomento e assistência ambiental nos assentamentos de reforma agrária	11,36
Licenciamento ambiental e monitoramento	11,36
Sistemas agroflorestais e agroecologia	9,08
Conservação dos recursos naturais (solo)	9,08
Silvicultura	4,55
Controle de pragas	4,55
Diagnóstico ambiental	4,55
Ensino	4,55
Pesquisa	4,55
Perícia ambiental	4,55
Total geral	100

Foram apresentadas aos entrevistados frases que expressam as áreas relevantes para a composição do perfil profissional do Engenheiro Florestal, segundo a proposta pedagógica do curso e foi solicitado que fossem assinaladas as questões mais relevantes, podendo-se assinalar mais de uma questão. Na opinião dos egressos, as áreas relevantes para a composição do perfil do profissional de Engenharia Florestal são: elaborar e aplicar técnicas de manejo adequadas (11,66%), dominar a legislação ambiental e conhecer as políticas públicas florestais já existentes no país (10,50%), desenvolver e aplicar métodos de redução de danos ambientais (9,91%), elaborar laudos, relatórios, pareceres, projetos e perícias ambientais (9,91%), resolver as relações de conflito entre o homem e o meio ambiente (8,75%), identificar e avaliar o impacto das atividades florestais no contexto sócio ambiental e econômico (8,45%), administrar recursos florestais (7,87%) e conhecer e aplicar os métodos de produção alternativos de acordo com a realidade social, ambiental e econômica (7,58%) (Tabela 5).

Tabela 5: Opinião dos egressos da Universidade Federal de Sergipe quanto as áreas relevantes para a composição do perfil do profissional de Engenharia Florestal.

Áreas relevantes para a composição do perfil do profissional	%
Elaborar e aplicar técnicas de manejo adequadas	11,66
Dominar a legislação ambiental e conhecer as políticas públicas florestais já existentes no país	10,50
Desenvolver e aplicar métodos de redução de danos ambientais	9,91
Elaborar laudos, relatórios, pareceres, projetos e perícias ambientais	9,91
Resolver as relações de conflito entre o homem e o meio ambiente	8,75
Identificar e avaliar o impacto das atividades florestais no contexto sócio ambiental e econômico	8,45
Administrar recursos florestais	7,87
Conhecer e aplicar os métodos de produção alternativos de acordo com a realidade social, ambiental e econômica	7,58
Planejar e elaborar projetos de extensão florestal	4,96
Capacitar e subsidiar pequenos agricultores familiares	4,96
Administrar e operar sistemas de produção de matéria prima florestal	4,66
Planejar projetos de educação ambiental	4,08
Espírito empreendedor	3,21
Desenvolver e aprimorar as técnicas de melhoramento genético dos produtos florestais	1,75
Conhecer sobre máquinas e técnicas de exploração florestal	1,75
Total geral	100

Com relação ao conteúdo pedagógico oferecido pelo curso, 63,49% dos entrevistados afirmaram que este atende parcialmente, 19,05% afirmam que atendem as necessidades atuais do mercado de trabalho e 17,46% afirmam que não atendem as necessidades atuais do mercado de trabalho.

Quando questionados sobre as dificuldades encontradas no desempenho de suas atividades profissionais, os egressos apontaram principalmente a falta de experiência (55,71%), seguida da falta de conhecimentos técnicos (21,43%), dificuldade em resolver problemas práticos (18,57%) e falta de conhecimentos gerais (4,29%).

Algumas opiniões descritas pelos entrevistados não estavam presentes como opção de respostas na questão, porém devido à relevância do entendimento da opinião dos egressos é de suma importância elucidá-las. Dentre as respostas pode-se destacar: formação descontextualizada, desconhecimento da sociedade perante o papel e função do Engenheiro Florestal, língua estrangeira e falta de oportunidade no mercado local.

A falta de experiência e a dificuldade em resolver problemas práticos podem estar relacionadas à carência de aulas práticas e ao fato do Estágio Supervisionado disciplina que compunha a grade curricular anterior, ser uma matéria cuja ementa era destinada ao aprendizado sobre as técnicas de elaboração de monografias, o que pode haver prejudicado a vivência destes profissionais durante a graduação. O que difere da situação atual com a mudança da grade curricular e a inserção do Estágio Supervisionado Obrigatório, que serve de experiência profissional para o futuro egresso.

O Estágio Supervisionado surgiu para que houvesse o intercâmbio entre os estudantes e as instituições, empresas e órgãos empregatícios, promovendo assim, o desenvolvimento dos alunos, como futuros profissionais [14]. A adoção do conteúdo prático pelos currículos educacionais promoveu benefícios para os estudantes, para as IES e para o mercado de trabalho, sendo que a inserção do Estágio Supervisionado nos Projetos Pedagógicos dos cursos promove melhorias na qualidade profissional e na empregabilidade.

No entanto, segundo os entrevistados, devido à insuficiência de estrutura adequada, problemas citados como a deficiência de conhecimentos técnicos podem persistir. A carência de laboratórios e de equipamentos necessários para atender a demanda de alunos ainda é constante em algumas disciplinas com necessidades práticas, das quais seria preciso o uso de aparelhos e programas indispensáveis na composição técnica de um profissional de Engenharia.

Em relação à área a qual os egressos afirmaram estar mais qualificados após o término do curso, a maioria respondeu recuperação de áreas degradadas (24%), nenhuma (16%), silvicultura (12%), manejo florestal (6%), dentre outros (Tabela 6).

A agroecologia em especial aparece com (4%) das respostas, tendo como justificativa dos egressos a formação extracurricular, seja por grupos de extensão ou através da procura em particular pelo assunto, já que existia na opinião deles uma relutância da maioria dos professores que não reconheciam a importância desta área.

Tabela 6: Opinião dos egressos em relação à área na qual estavam mais qualificados, após o término do curso de Engenharia Florestal na Universidade Federal de Sergipe.

Área profissional na qual os egressos se sentem mais qualificados	%
Recuperação de áreas degradadas	24,00
Nenhuma	16,00
Silvicultura	12,00
Manejo florestal	6,00
Sementes	4,00
Agroecologia	4,00
Extensão rural	4,00
Avaliação de impactos ambientais	4,00
Inventário florestal	2,00
Hidrologia	2,00
Produção de mudas	2,00
Tecnologia da madeira	2,00
Sensoriamento remoto e geoprocessamento	2,00
Genética	2,00
Licenciamento ambiental	2,00
Conservação ambiental	2,00
Levantamento fitossociológico	2,00
Controle de pragas	2,00
Melhoramento vegetal	2,00
Paisagismo e arborização urbana	2,00
Pesquisa científica	2,00
Total geral	100

Sobre a contribuição do curso no desempenho como profissional e cidadão, a maioria dos entrevistados escolheu como resposta a consciência ambiental, visando à proteção do meio ambiente (15,25%) seguido por ética profissional e responsabilidade (14,54%), planejar e elaborar projeto (12,41%), identificar e avaliar o impacto das atividades florestais no contexto socioambiental e econômico, (11,70%) e identificar e solucionar problemas (10,99%). As demais respostas somaram (35,11%).

No questionário aplicado deixou-se um espaço para os egressos emitirem sugestões ou críticas ao conteúdo ministrado no curso e a sua contribuição no mercado de trabalho. A maioria sugeriu que poderia haver mais aulas práticas (34,37%), seguido das sugestões: o processo de formação deveria ser mais focado para a realidade local e regional (21,88%), aumentar a oferta de estágios para os alunos (12,5%), inserção na grade curricular de disciplinas de geoprocessamento e sensoriamento remoto (12,5%), melhorar a infraestrutura (12,5%) e focalizar nas áreas da agroecologia e nas disciplinas voltadas para a extensão rural (6,25%).

4. CONCLUSÃO

Constatou-se que a maioria dos egressos entrevistados encontra-se exercendo a carreira, principalmente no seguimento acadêmico e pertencem ao sexo feminino. Grande parte dos egressos continua residindo na região nordeste do Brasil, com maior concentração em Sergipe. Mais de 70% dos egressos entrevistados atuam na área florestal, com destaque aos cursos de pós-graduação (mestrado e doutorado).

Parte dos problemas apresentados pelos egressos referentes ao curso já estão em processo de mudança por meio da inserção da nova grade curricular. Porém algumas melhorias, por exemplo, infraestrutura, depende do projeto de expansão da Universidade Federal de Sergipe e vem ocorrendo de forma gradativa. Mesmo com tais dificuldades é possível se trabalhar outra demanda apresentada pelos egressos, a de se trabalhar de forma integrada a proposta pedagógica com um enfoque curricular mais direcionado à realidade local.

Foram identificados alguns fatores inerentes ao desempenho profissional do Engenheiro Florestal no Estado de Sergipe e diante dos resultados recomenda-se o fortalecimento da Associação dos Engenheiros Florestais no Estado de Sergipe; a criação da pós-graduação para o curso de Engenharia Florestal na Universidade Federal de Sergipe a fim de ofertar uma educação continuada aos profissionais que atuam na região bem como para as demais partes do país.

5. REFERÊNCIAS

1. Oliveira PRS, Soares TS. Atuação do Engenheiro Florestal na avaliação de impactos ambientais. Rev Científica Eletrônica Eng Florest. 2006. n.7.
2. BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Referências nacionais dos cursos de Engenharia. Brasil. Cursos de Engenharia Florestal na região nordeste. Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>. Acesso: nov. 2014.
3. SERGIPE. Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos. Florestas em Sergipe: Construindo uma Política Florestal. Aracaju; 2012.
4. BRASIL. Congresso Nacional. Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília; 1996.
5. Lana-Dalla M. Estudo sobre a situação profissional dos egressos do curso de nutrição da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trabalho de conclusão de curso de graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2010. p. 64.
6. Meira MDD, Kurgant P. Avaliação de curso de graduação segundo egressos. Rev da Esc Enferm da USP. p. 481-485, USP, 2008.
7. Bonfim AA. A trajetória profissional dos egressos do curso técnico em agropecuária da EAF de São Cristóvão – SE. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - RJ; 2008.
8. Boni V, Quaresma SJ. Aprendendo a entrevistar: Como fazer entrevista em Ciências Sociais. Rev Em tese. 2005. n.2.
9. Lefreve, F.; Lefreve, AMC. Depoimento e discursos: uma proposta de análise em pesquisa social. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.
10. Lombardi, MR. Engenheiras brasileiras: inserção e limites de gênero no campo profissional. Revista Caderno de Pesquisa, v. 36, nº127, jan/abr, 2006.
11. Silva, NS. Engenharias no Brasil: mudanças no perfil de gênero? Seminário internacional fazendo gênero 8, Santa Catarina, ago. de 2008, p. 2-6.
12. BRASIL. Presidência da República. Lei n. 4.950-A de 22 de abril. 1966. Dispõe sobre a remuneração de profissionais diplomados em Engenharia, Química, Arquitetura, Agronomia e Veterinária. Brasília;1966.
13. CONFEA. Conselho Federal de Engenharia e Agronomia. Estatísticas do SIC. 2013.
14. Mesquita SM, França SLB. A importância do estágio supervisionado na inserção de alunos de graduação no mercado de trabalho. VII Congresso Nacional de Excelência em gestão. Niterói; 2011.